

Representação e imaginário da escola na série “Anne com E”

School’s Representation and Imaginary in the Series “Anne with an E”

Claudia Nandi Formentin¹

DOI: 10.19177/memorare.v8e22021147-160

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar como a escola transformadora é representada na série ‘Anne with an E’. Para isso, pretende-se identificar as características do professor transformador na série, bem como mapear as características da escola transformadora. Tal proposta está fundamentada nas ideias sobre representação de Hall (2016) e de imaginário com Maffesoli (2001). Pretende-se desenvolver um artigo de viés qualitativo que analise os episódios 9 e 10 da segunda temporada da referida série. Compreende-se ser importante este trabalho pois a série é baseada em uma obra produzida no início do século XX, tendo discussões importantes ainda no século XXI quanto a diversos temas incluindo a escola. Nestes dois episódios, especificamente, há uma mudança de professor que coloca a comunidade em alerta. Verifica-se que há uma mudança na condução do processo de ensino e aprendizagem. Tal mudança afeta tanto os alunos como as famílias, indicando que uma das características de uma escola transformadora é estar para além dos muros escolares.

Palavras-chave: Representação. Imaginário. Escola em ‘Anne com E’.

Abstract: This research has as its objective to analyze in what way the transformative school is represented in the TV series ‘Anne with an E’. This research aims at identifying the traits of a transformative teacher in the series as well as mapping the characteristics of a transformative school in the series. Such a proposal is reasoned in the notion of representation by Hall (2016) and imaginary by Maffesoli (2001). In order to reach such objective the episodes 9 and 10 from the second season will be analyzed. This research is relevant because although the series is inspired by a book written in the beginning of the twentieth century it still triggers important discussions about several themes including education in the twenty-first century. These two episodes show how a teacher change puts the community on alert. A change in the management of the teaching and learning process was verified. This change affects students and their families which indicates one of the transformative school characteristics namely education must be beyond school walls.

Keywords: Representation. Imaginary. School in ‘Anne with an E’.

¹ Jornalista e licenciada em História. Mestre e Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Professora da Faculdade Senac e do Centro Universitário UniSatc, onde integra o Grupo de Estudos em Comunicação e Design (GECeD). formentinnandi.claudia@gmail.com

1 Introdução

De um modo geral as instituições escolares do século XXI estão sentindo, com ainda mais força, a necessidade de mudar suas práticas procurando inserir os conteúdos dentro de práticas que permitam aos alunos uma compreensão mais prática dos temas abordados bem como inserindo temas atitudinais com mais ênfase em seus currículos. No entanto, tais movimentos sofrem resistência por parte de membros de toda a comunidade escolar (pais, alunos, professores e gestores). A mudança exigida, no entanto, não é uma demanda apenas do século XXI. Há muito tempo vem se exigindo que o ambiente escolar seja mais do que o conteúdo das disciplinas. Mas, tal qual em outros setores da sociedade, as mudanças necessárias nem sempre são fáceis de se implementar. A série canadense 'Anne with e' que estreou na Netflix em 2017 é baseada no livro Anne de Green Gables, de Lucy Maud Montgomery, escrito em 1908. Conta a história de uma menina de 11 anos, Anne, que é adotada pelos irmãos Matthew e Marilla. Inicialmente sua chegada a fazenda se dá por engano, visto que o casal esperava um menino para ajudar na fazenda. A presença de Anne, no entanto, conquistou os irmãos e eles a adotaram.

A presença de Anne no lugar movimentou muitas questões sociais da comunidade em que se encontrava incluindo a escola. A ambientação da série se dá em 1908. O foco deste trabalho está na escola da comunidade em que Anne vive. Mais especificamente em um momento de transição pelo qual esta escola passa com a troca de professores no final da segunda temporada (episódios 9 e 10). Considera-se importante pois há uma reflexão que é feita nos dias de hoje com as exigências de uma escola transformadora que aparece no ambiente descrito na série. Durante toda a série a escola aparece como local importante de socialização dos jovens que lá estão sendo também o espaço que traz a tona para aquele grupo as práticas e discursos presentes na comunidade. Durante toda a primeira temporada e parte da segunda esta instituição de ensino apresenta práticas presentes em escolas de ensino mais tradicional tais como decorar texto, punir com a escrita repetida de determinadas frases, desconsideração de conhecimentos prévios dos alunos e também de seus anseios. Anne, aluna nova que vivenciou realidades diferentes dos colegas e tem na leitura uma companhia, não se conforma com tais práticas e a todo momento busca questionar estes aspectos.

Os episódios 9 e 10 da segunda temporada foram escolhidos pois marcam a chegada de uma nova professora, senhorita Stacy, que substitui o professor anterior que foi transferido. O primeiro local onde a nova professora vai é a uma reunião das Mães Progressistas da cidade. Este grupo procura incentivar as meninas a procurarem outras atividades que não sejam apenas o casamento. Estas mães pretendem que suas filhas, por exemplo, ingressem na faculdade. No entanto, elas também reproduzem práticas que são em certa forma ainda limitadoras quanto ao papel da mulher na sociedade. A professora não usa saias nem espartilhos, usa calças, ela vem a bordo de uma moto e ainda chega atrasada pois estava pintando a própria casa. Ela também não é casada apesar de ser jovem. Tais características causam certo espanto nas mães

progressistas que insistiram para que o conselho da cidade contratasse uma professora ao invés de um professor. Nestes dois capítulos as primeiras práticas de ensino da professora também são apresentadas. Assim que senhorita Stacy chega na sala os alunos procuram seus lugares como de costume e ficam sem reação quando ela solicita que eles fiquem em pé pois a aula não acontecerá como acontecia antes. A professora apresenta experiências sobre a luz elétrica com a participação dos alunos. Em uma das aulas as mães progressistas entram na sala e não gostam do que presenciam. Marilla, a mãe de Anne, que chega antes e é convidada para assistir a aula não entende o motivo das outras mães terem feito o que fizeram e um movimento começa na cidade para o afastamento da professora pois segundo os pais ela está ensinando coisas inúteis (que não levarão os filhos para a faculdade) como um método inútil também. São os alunos e alguns pais como Marilla que impedem que isso aconteça. Além das práticas de ensino da professora ela procura conhecer os alunos. Desta forma ela conhece seus anseios e dificuldades e pode ajudar no desenvolvimento e habilidades mais ligadas ao Saber Ser indo, desta maneira, para além do conteúdo. É possível, assim, trabalhar este tema com os elementos teóricos como identidade e representação, apresentados por Stuart Hall (2016), e de imaginário com Maffesoli (2001).

Diante do exposto apresento como proposta de pesquisa responder o seguinte problema de pesquisa: Como a escola transformadora é representada na série 'Anne com e'? Para tanto estabeleceu-se como objetivo geral: Analisar como a escola transformadora é representada na série 'Anne com E' e como objetivos específicos: 1) Identificar as características do professor transformador na série; 2) Mapear as características da escola transformadora na série.

2 Representação, imaginário e escola

A extensa literatura sobre a história da educação nos mostra que a busca por uma educação transformadora não é característica do século XXI. As mudanças na escola não são algo novo como também não é nova a resistência que se tem para realizar as mudanças necessárias. Mudar é parte da escola pois esta é parte da sociedade que tem na mudança o impulsionador do desenvolvimento. Portanto, mudanças estão sendo cobradas na escola há tempos mas elas parecem acontecer de maneira lenta. Não é difícil ouvir em palestras e cursos de formação de professores que temos escolas do século XXI com profissionais do século XX que ensinam como no século XIX. A impressão que se trata de uma exigência recente parece ser evidenciado nas resistências que parecem indicar uma lacuna cultural.

A escola constitui-se em um importante local de socialização e de compreensão do mundo, percebendo-o como ambiente plural. Sendo assim, a escola é um local que prepara os indivíduos para as práticas do mundo. Neste sentido, compreende-se que, como afirmou Freire (2015, p. 24) o ato de ensinar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Tal perspectiva se opõe a ideia de uma educação bancária que compreende a relação de ensino e aprendizagem proporcionada pela escola baseada na memorização de informações que podem ser guardadas para uso

futuro. Inexiste, para Freire, ensino sem aprendizagem (e vice-versa) tendo em vista que, para o autor, a humanidade descobriu a possibilidade de ensinar a partir de um processo histórico de aprender socialmente. Trata-se de um processo “que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador” (FREIRE, 2015, p. 26). Neste sentido, a educação bancária, que compartimenta os conteúdos em caixas que não se comunicam entre si, é um empecilho para a o contato com os saberes do mundo que podem ser alcançados a partir da construção do conhecimento.

Nessa perspectiva Freire indica a necessidade de deixar claro para o educador desde o início que “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2015, p. 25). Assim, complementando o que Freire fala, Bell Hooks (2013) afirma que muitas vezes, em um ensino não bancário, “antes do processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica de escola” (HOOKS, 2013, p. 18). Por essa perspectiva o educador tem papel importante não apenas em ensinar o conteúdo mas também, como afirma Freire com criticidade. A leitura crítica, a leitura verdadeira, para Freire (2015, p. 29) “me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito”. Assim, diz o autor, “o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 2015, p. 30).

Uma das características que Hooks apresentam para que a aprendizagem se estabeleça de modo a estimular o contato real com os saberes do mundo é o entusiasmo, a vontade de partilhar. Para isso, segundo a autora “os alunos deveriam ser vistos de acordo com suas particularidades individuais [...] e a interação com eles teria de acompanhar suas necessidades” (HOOKS, 2013, p. 17). Neste sentido faz-se necessário que o educador conheça a realidade e também a expectativa dos alunos com quem conviverá durante o período letivo. Este é o princípio, segundo Cortella (2016). Para o autor é necessário que o educador tenha “o universo vivencial discente como princípio (ponto de partida), de maneira a atingir a meta (ponto de chegada) do processo pedagógico” (CORTELLA, 2016, p. 108). Neste sentido, Karnal (2016) completa que educar frequentemente é contrariar “a vontade imediata do aluno”. No entanto, diz o autor, esta vontade presente no olhar discente que artifícios serão necessários para que o professor atinja o objetivo da educação. Assim, diz Karnal (2016, p. 23) “o olhar dele [do aluno] não é seu horizonte, mas sua possibilidade”.

A educação, assim, se insere como uma prática da liberdade sendo “um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (HOOKS, 2013, p. 25). Esse processo de aprendizado, continua Hooks, “é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos”. Na educação como prática da liberdade coloca todos os alunos, tanto para Hooks

quanto para Freire, como sujeitos ativos sendo vistos como sujeitos integrais e permitindo que busquem o conhecimento para além dos livros apresentados.

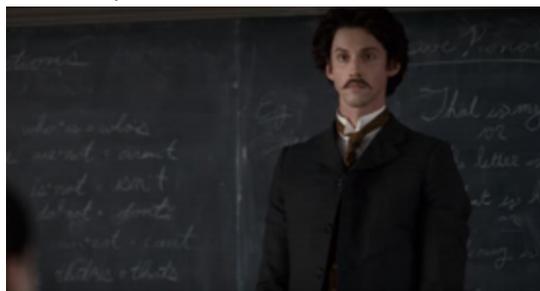
Os veículos de comunicação funcionam como um espelho para diversas questões sociais presentes em seus contextos. TV, cinema, revistas etc. acabam por representar estes pontos possibilitando reflexão sobre os temas abordados. Tais representações acontecem pela linguagem. Seja ela verbal ou não-verbal. Para Stuart Hall (2016, p. 31) “a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura”. Assim, continua o autor, “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” envolvendo assim a linguagem e seus usos.

Neste sentido Hall (2016) aponta para um mapa de significados que é compartilhado pela comunidade. Estes significados que acabam por construir os sentidos do que está presente dentro da sociedade são construídos de tal forma que em dado momento parecem, aqueles que compartilham tal mapa, que são naturais e sempre estiveram ali. No entanto, lembra o autor, não se trata de algo natural. O sentido é resultado de convenções sociais, culturais e linguísticas e podem mudar conforme estes aspectos sofram alguma alteração. Assim, afirma Hall (2016, p. 42) “pertencer a uma cultura é pertencer, grosso modo, ao mesmo universo conceitual e linguístico”. Esse conceito pode se ligar ao que Maffesoli (2001, p. 75) chama de imaginário e que é, segundo o autor, “o estado de espírito que caracteriza um povo”. O autor ainda afirma que “O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”.

3 Análise e apresentação dos dados

A série canadense baseada no livro “Anne de Green Gables” estreou na Netflix em 2017 e conta com três temporadas. A escolha dos dois episódios citados se deu pois é neles em que se percebe a mudança de paradigma quanto a proposta de educação da comunidade em que a série acontece. Nos episódios anteriores o professor Phillips (figura 1) apresentava um modelo de prática pedagógica tradicional em que era valorizado o conteúdo sem a reflexão sobre ele bem como a punição para aqueles que não estavam dentro do padrão exigido pelo professor. Sua saída da série se dá depois que sua noiva e ex-aluna o deixou no altar pois pretendia seguir os estudos, o que o futuro marido não autorizou. O casal pretendia morar em outra cidade. Depois do casamento frustrado o professor seguiu seus planos e a noiva continuou os estudos para ingressar na faculdade.

Figura 15 – Professor Phillips



Fonte: Netflix (2020)

É neste momento em que a professora Stacy aparece. Inicialmente ela se apresenta ao grupo de mães progressistas da cidade. Este grupo de mães luta para que suas filhas possam seguir uma carreira e que não tenham seu futuro marcado exclusivamente pelo casamento. A professora Muriel Stacy chega ao local da reunião um pouco atrasada pois estava pintando sua casa, com sua bicicleta motorizada e de calças (figura 2). Ao pedir desculpas escuta de uma das mães que esperam “que seja tudo que tenhamos que perdoar”. Ela sofre resistência por parte das mães que dizem ter lutado para que uma mulher fosse escolhida para lecionar. As mulheres progressistas não concordam com a forma como a senhorita Stacy conduz a aula e a própria vida, tendo em vista que toda a cidade acredita que ela é solteira (no decorrer da série algumas pessoas descobrem que ela é viúva). Os alunos, no entanto, se sentem acolhidos por ela tanto no que diz respeito a metodologia quanto na maneira como ela se relaciona. Além dos alunos a nova professora também recebe apoio da mãe de Anne, Marilla, que se coloca contra a posição das mães progressistas e de sua amiga Rachel, que é membro do Conselho Administrativo da cidade e que, antes mesmo de conhecer a professora diz que foi contra a contratação de uma mulher pois era “uma inovação perigosa”.

Figura 2 – Professora Stacy



Fonte: Netflix (2020)

Ainda no episódio 9, em seu primeiro dia de aula a nova professora também sofre resistência de alguns alunos que ouviram boatos vindos de seus próprios pais. A professora chega à sala de aula cheia de materiais e, meio atrapalhada, deixa o globo terrestre cair e tem a ajuda de um dos alunos (Figura 3). Ela elogia a sala dizendo que tem janelas amplas que lhe dão uma bela visão da natureza. Ao tirar o casaco choca as alunas por não usar espartilho. Como primeira atividade a senhorita Stacy propõe uma apresentação da turma. Ela pede que as carteiras sejam afastadas e todos sentem em círculo. Cada aluno deve dizer uma

palavra com a inicial de seu nome e sobrenome que o represente. Neste momento Anne, encantada com a nova professora, começa a fazer comentários de cada um dos alunos que se apresenta. A professora, gentilmente, pede que ela não faça mais comentários pois, caso alguém queira lhe contar alguma coisa contará. No momento em que Anne vai se apresentar ela não consegue e a professora diz que conversarão no final da aula momento em que a senhorita Stacy solicita a aluna uma redação sobre fofoca e a importância de ter empatia pelos outros.

Figura 3 – Primeiro dia de aula



Fonte: Netflix (2020)

Neste primeiro episódio a nova professora também conhece um lugar secreto de Anne e seus amigos. Trata-se de um clube de leitura onde eles se reúnem para escrever e contar histórias e onde um dos meninos, Cole, aperfeiçoa suas habilidades artísticas (figura 4). Neste momento a professora descobre que Cole não frequenta a aula pois sofreu *bullying* por ser diferente dos outros meninos (ele gosta de desenhar e fazer escultura e se percebeu homossexual). Na noite deste dia, caçando uma raposa que ataca os galinheiros da região, o menino que faz *bullying* com Cole encontra este lugar e o destrói inteiro. Na manhã seguinte, quando sua mãe descobre que o filho não vai à escola, Cole foge para este lugar onde encontra Anne. Os dois veem a destruição. Cole descobre quem fez por causa de um cachecol de lã e corre para a escola e briga com o menino. Rolando no chão Cole bate a cabeça do menino no aquecedor de ferro exatamente no momento em que a senhorita Stacy chega desanimada. Vendo a cena Cole foge e a professora suspende a aula.

Figura 4 – Anne e Cole no esconderijo



Fonte: Netflix (2020)

No episódio 10 a professora leva o menino ferido para a casa e é informada que não poderá lecionar temporariamente pois seus métodos de ensino não são apropriados e lhe falta controle sobre a classe. Em seu

lugar um professor homem assume. Ele tem métodos tradicionais de ensino e quando informado que a lição que indicou para ser feita já havia sido feita responde que “a repetição é a chave para o aprendizado”. Neste momento Anne e suas amigas descobrem que haverá uma reunião do Conselho Municipal com os pais dos alunos para decidir sobre a situação da senhorita Stacy e decidem que precisam fazer alguma coisa, um ato de heroísmo como diz Diana ao que escuta de uma das meninas que elas não são heróis mas apenas garotas. Neste momento elas começam a receber o apoio de outros colegas. A reunião acontece, inicialmente sem a presença da ‘ré’. Durante a, apoiada por Marilla a professora se apresenta para sua defesa. Neste momento os alunos se apresentam para apoiá-la (figura 5).

Figura 5 – Apoio dos alunos na reunião do Conselho



Fonte: Netflix (2020)

Assim, o que vemos no primeiro episódio a ser analisado é a chegada da professora na pequena comunidade e a resistência sofrida por ela bem como quem se apresenta como seu apoiador imediato. No segundo episódio é a resistência que fica clara. Tanto de parte da comunidade quanto da senhorita Stacy e seus apoiadores. Neste segundo momento também é apresentada a maneira como tal resistência da cidade vai ser enfrentada pela professora, seus alunos e por seus apoiadores. Eles mostram, assim, as diferenças entre os dois modelos de práticas pedagógicas.

Para a realização da análise proposta definiu-se duas categorias: Escola transformadora e Escola tradicional. Dentro destas duas categorias serão indicados quem fala, o que diz, a quem, de que modo, com que finalidade, com que resultado.

3.1 Resultados

Apresentada a narrativa que se passa nos dois episódios passamos a análise dos dados colhidos. Inicialmente serão apresentados os sujeitos/grupos percebidos como representantes da escola tradicional. O primeiro grupo a ser destacado é o de Mães Progressistas. Elas compreendem a importância de uma mulher como professora. Esperam que as filhas tenham oportunidade de frequentar a faculdade. No entanto, deixam claro para a professora que querem que os filhos “aprendam o necessário para sua educação superior”. As mães progressistas, dizem, esperam que “esta sala de aula seja ordenada e calma. [...] Esperamos que se atenha ao currículo”. Percebe-se que, mesmo havendo uma vontade de inclusão feminina nos diversos setores

da sociedade, há uma construção mental perceptível, como diz Maffesoli (2001) do que é o ambiente escolar e como ela pode agir para realizar o que é visto como necessário.

O segundo sujeito trata-se de Rachel, melhor amiga de Marilla e presidente do Conselho Administrativo e única mulher a fazer parte da organização. Apesar de não ter filhos em idade escolar ela se posiciona contra a professora por ser solteira mesmo estando em idade reprodutiva e, em um segundo momento, por ter métodos de ensino diferentes. É ela que dá voz, na reunião do Conselho Administrativo ao Ministro da Igreja. Neste momento a impressão que se tem é que ela o chama para falar para dar autoridade ao que se pretende fazer. Esta impressão se dá por tratar-se de um homem branco e que ocupa um posto de respeito na comunidade. Em sua fala o Ministro explica qual o papel de educação e do professor. Segundo ele “um professor deve impor regras e manter a ordem. Deve ensinar os alunos a serem obedientes, a ter fé, a respeitar os mais velhos e a ter moralidade. Estes são os princípios da educação”. Além disso, segundo sua fala, “crianças devem se calar, respeitar e serem honestas, pontuais, asseadas e organizadas”. Isso porque, segundo o Ministro, “o objetivo da educação é criar uma força de trabalho melhor com ênfase no bom comportamento, na habilidade de seguir instruções e no uso da memorização”. Não existe, assim, “lugar para brincadeiras e atividades sem sentido. A memorização e a declamação garantem uma educação apropriada. Compreender conceitos ou ideias não tem valor dentro de nossos objetivos”. Percebe-se com estas falas que estas personagens compreendem a educação como uma ação mecânica, de repetição. Tais características são próprias da educação bancária e conteudista em que os diversos saberes não se conectam e que tem o conhecimento centrado no professor.

Estes pressupostos se opõem aos conceitos apresentados pela própria professora, senhoria Stacy. Com isso apresenta-se a na análise dos dados correspondentes a categoria da Escola Transformadora. A primeira representante é a própria professora, senhorita Stacy, e suas práticas que, como afirma Freire (2015, p. 24), compreende o ato de ensinar não como apenas transferir conhecimento “mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Tais ações são verbalizadas pela professora no momento em que chega à reunião do Conselho e pergunta aos presentes “o que é mais importante para se colocar na educação de seus filhos? Medo, preconceito [...] lhes asseguro que eles estão aprendendo”. Ela completa esta fala indicando que “engajar se mostra um método melhor do que a memorização”. Ela deixa claro que pretende instigar a curiosidade nos alunos para que eles possam construir o seu mundo. Uma característica de uma educação transformadora, como aponta Freire (2015). Para contextualizar a professora pergunta aos presentes que eles conseguem imaginar a vida sem o trem, algo inimaginável anos antes mas sonhado por seus criadores. Na sua fala senhorita Stacy indica que compreende seu papel como professora importante não na transferência do conhecimento mas na sua participação do no crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos como afirmou Hooks (2013).

Marilla é a segunda personagem que se destaca quando o se trata da defesa de uma escola transformadora. Já quando é informada por sua amiga Rachel da chegada da nova professora e do que se fala sobre ela Marilla pede que a amiga primeiro conheça a professora para depois apresentar qualquer julgamento. Ao fazer a primeira visita a senhorita Stacy, Marilla se sente insultada por tudo que a amiga fala para a professora pois vê nesta fala características suas. Ela percebe assim, que não é como as mulheres da sua comunidade e que tem muitas coisas em comum com a nova professora da filha. Marilla nota que os seus mapas de significados quanto ao que é ser uma mulher e como deve agir uma professora são diferentes do que o de sua comunidade, representado neste momento pela amiga). Ela também identifica que, como disse Hall (2016), estes significados foram construídos e compartilhados de tal forma que parece natural ao ver de todos que dele compartilham.

Em sua primeira visita a escola a mãe de Anne questiona a professora o motivo das mesas estarem no canto da sala e dos alunos estarem sentados no chão. A professora responde que chama de fórum de aprendizagem prática. Marilla fica curiosa e em seguida também se encanta com a aula que tem a oportunidade de presenciar sobre luz elétrica e tenta argumentar com a amiga que a aula esta empolgante e que todos estavam atentos aos conhecimentos passados pela docente. Ela mostra, neste momento, que começa a desconstruir em si a ideia de que o professor é o único responsável pelo conhecimento na dinâmica escolar ponto que é apontado por Hooks (2013) como sendo fundamental para que haja um ensino não bancário e, portanto, transformador. É Marilla que conta sobre a reunião para a professora e quem diz que ela deveria comparecer. Marilla é a única mãe que se levanta para defender a senhorita Stacy durante a reunião do Conselho apresentando a sua própria vida para apontar a necessidade de mudança. Ela que sempre se conformou com uma vida sem muitas mudanças, ao adotar Anne, passou por mudanças profundas e é por isso que ela pode assegurar aos presentes que “mudança é a única maneira de aprender e crescer”. Percebe-se aqui uma nova perspectiva que identifica novos significados sendo compartilhados e permitindo uma ressignificação que permite mudar o imaginário que a sociedade tem da escola.

O terceiro grupo que mostra seu apoio e sua vontade por uma escola transformadora são os alunos. Destaque-se entre eles alguns em particular: Anne e Gilbert. Anne, personagem que dá nome a série, nunca se conformou com o modelo da escola que frequenta. Ela sempre acreditou que a escola pode ser um lugar de encanto e liberdade mesmo não identificando nas práticas de seu professor as práticas que esperava. Ao saber informações sobre a senhorita Stacy a partir dos comentários que os pais dos colegas fizeram ela declara animadamente que não entende como eles podem achar isso pois “ela anda de motocicleta. A senhorita Stacy parece moderna e empolgante”. Quando a professora chega à escola Anne afirma que a escola se transformará no lugar que ela sempre sonhou que quer ser igual a nova professora. Mesmo quando, na hora da apresentação da turma, a professora pede que ela não comente mais sobre os colegas ou quando recebe a tarefa de escrever a redação Anne sente ter deixado uma péssima impressão em

alguém que ela admira muito. Anne foi contrariada mas parece entender que educar frequentemente é contrariar “a vontade imediata do aluno” (KARNAL, 2016, p. 23).

Quando a sala é invadida pelas mães progressistas e a aula é interrompida Anne é uma das alunas que interfere dizendo que a senhorita Stacy “é inteligente, adorável e uma ótima educadora”. Tais passagens mostram que Anne percebe que a nova professora interage com os alunos de acordo com a particularidade de cada um, como afirma Hooks (2013) e que isso mostra a preocupação da docente com o aprendizado dos alunos. Ao saber da suspensão da professora e da reunião do Conselho, é Anne que mobiliza os colegas para fazer alguma coisa para impedir que a senhorita Stacy não lecione. É Anne que fala que o envolvimento dos alunos na aula que lhes permite aprender indicando, assim, que o conhecimento não é exclusividade do professor e que em uma relação de ensino e aprendizagem não é apenas um dos agentes o responsável para que o processo se complete. A aluna completa que aprenderam mais com a senhorita Stacy do que em um ano.

Gilbert é um amigo de Anne que gosta muito de estudar. Sua mãe faleceu há muito tempo e o pai, depois de um longo período doente, morreu recentemente. Depois da morte do pai Gilbert foi trabalhar em um navio e viajou o mundo e com isso atrasou os estudos em um ano. Seu sonho é ser médico. Na volta de sua viagem compartilhou este sonho com o antigo professor que lhe disse que não tinha chance de isso acontecer e, portanto, ele não estava disposto a auxiliar em sua busca. Gilbert compartilha este sonho com a senhorita Stacy e pede para que ela lhe ajude a recuperar o tempo perdido ao que ela responde que com trabalho duro ele conseguirá. Sua proposta é que eles cheguem mais cedo na escola para estudar (Anne também pede para participar). Gilbert também sai em defesa da professora diante das mães progressistas dizendo que ela “é uma professora dedicada e capaz”.

Tais impressões por parte dos alunos indicam que a professora compreende que é importante compreender o contexto dos alunos (lugar de origem, experiências e sonhos) como ponto de partida para o ensino pois esses elementos, como diz Cortella (2016), podem ser norteadores para que o professor atinja o objetivo do processo pedagógico. Assim para fazer medicina Gilbert precisava do conteúdo mas para ser um bom médico outros elementos eram importantes. Assim, a senhorita Stacy mostra para os alunos, mesmo que neste momento de maneira indireta, “que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 2015, p. 30).

Estas informações podem ser sintetizadas na tabela 1. Nela estão indicadas quem, diz o que, a quem, de que modo, com que finalidade e com que resultado. Desta forma é possível ter uma visão geral dos pontos analisados nesta etapa da pesquisa.

Tabela 1 – Escola transformadora x Escola tradicional

	Escola transformadora	Escola tradicional
Quem?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Senhorita Stacy</i> 2. <i>Marilla</i> 3. <i>Alunos (Anne e Gilbert)</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Mães Progressistas</i> 2. <i>Rachel (conselho administrativo)</i> 3. <i>Ministro da igreja (conselho administrativo)</i>
Diz o quê?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Práticas inovadoras de ensino</i> 2. <i>“A mudança é a única maneira de aprender e crescer”</i> 3. <i>“Diga-me e eu esquecerei, ensine-me e eu lembrarei, envolva-me e eu aprenderei”</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Que a função da professora é passar o conteúdo necessário para os filhos entrarem na faculdade. E que a professora tem atitudes impróprias e suspeitas.</i> 2. <i>Que a professora se mantenha conservadora, virtuosa e contida em frente aos alunos</i> 3. <i>Apresenta o papel do professor e da educação</i>
A quem?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Aos alunos e a comunidade</i> 2. <i>A Rachel e a comunidade</i> 3. <i>Aos pais, ao conselho e a comunidade</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A própria professora e para os filhos.</i> 2. <i>Para Marilla, para a professora.</i> 3. <i>Para a comunidade presente na reunião do Conselho Municipal</i>
De que modo?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Nas aulas</i> 2. <i>Em conversas com a amiga</i> 3. <i>Em conversas com os pais, diante da reunião do conselho com a comunidade</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Em conversa direta com a professora e em conversas familiares</i> 2. <i>Diretamente para a amiga e para a professora.</i> 3. <i>Com leitura de um texto formal</i>
Com que finalidade?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Ensinar o conteúdo</i> 2. <i>Apontar o quanto a amiga está sendo grosseira e inconveniente.</i> 3. <i>Impedir que a professora seja substituída</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Ensinar simplesmente o conteúdo e conservar a ordem.</i> 2. <i>Conservar a ordem</i> 3. <i>Indicar que a professora não tem qualificação para ocupar seu posto</i>
Com que resultado?	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Alcançado</i> 2. <i>Alcançado</i> 3. <i>Alcançado</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Resultado não alcançado</i> 2. <i>Resultado não alcançado</i> 3. <i>Resultado não alcançado</i>

Fonte: A autora (2020)

4 Considerações finais

Ao longo deste estudo percebeu-se que a busca por uma escola que faça a diferença na vida dos discente não é própria dos tempos atuais. A série analisada indica resistências sofridas pela proposta de mudança de paradigmas no final do século XIX e início do XX que muito bem poderiam ser imagens presenciadas por todos os membros de uma comunidade escolar. Ressalta-se que tal resistência não acontece apenas por parte dos que não se veem diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, como os pais por exemplo, mas em todos os seus níveis incluindo aí os próprios professores e alunos. Posto isso é importante retomar os objetivos que foram estabelecidos para se chegar à resposta do problema de pesquisa. Tendo como objetivos específicos: 1) Identificar as características do professor transformador na série; 2) Mapear as características da escola transformadora na série.

Quanto ao primeiro objetivo foi possível perceber que a professora apresentada na série é uma professora transformadora e diferente dos outros docentes retratados ao longo da produção televisiva em questão pois compreende que o conhecimento está para além de informações meramente memorizadas procurando engajar e envolver os alunos na construção do conhecimento a partir de dinâmicas e experiências que apresentam conceitos complexos para os alunos (como eletricidade). Além disso, sua preocupação não está em ensinar apenas o conteúdo de disciplinas como ciências mas também atitudes que permitam que estes alunos se desenvolvam como seres humanos questionando a sociedade

e suas próprias práticas. Exemplo disso está no fato de, durante a apresentação dos alunos, observar as atitudes de Anne lhe pedindo uma redação que permitiu a aluna refletir sobre suas atitudes diante dos colegas. Mas, de alguma maneira, não se pode menosprezar a forma como ela se apresentou (não uso de espartilhos, no uso de calças e motocicleta) indicando que ela teria uma visão diferente de mundo em relação aos outros professores e a própria comunidade. Senhorita Stacy conhece a condição dos alunos mas não compreende esta condição como sendo limitadora das perspectivas que eles podem ter.

No que diz respeito ao segundo objetivo específico: mapear as características da escola transformadora na série. Foi identificada que uma escola transformadora transcende os muros da escola atingindo a sociedade. Este aspecto nem sempre deixa a comunidade em uma posição confortável pois ela poderá ser questionada por aqueles que frequentam os bancos escolares provocando mudanças nem sempre desejáveis por parte de seus membros. Uma escola transformadora também vai para além do conteúdo proposto nos currículos escolares procurando promover reflexões acerca do comportamento que os indivíduos têm nas relações sociais. Isso está diretamente ligada ao primeiro ponto (ir para além dos muros escolares) e faz como que os alunos sejam vistos para além dos estereótipos a eles designados em algum momento. Neste sentido percebe-se uma mudança de comportamento tanto deste sujeito para com a sociedade quanto da sociedade para como ele.

Assim, alunos marcados por estereótipos de raça, gênero ou de qualquer outra condição (na série percebe-se que Anne sofre com o fato de ser órfã e adotada) passam a ser vistos pela sociedade para além destas marcas generalizantes bem como não correm o risco de autoassumirem o estereótipo a eles impostos. Assim, o objetivo geral deste trabalho, analisar como a escola transformadora é representada na série 'Anne com E', foi considerado atingido. Isso porque verificou-se que tanto as imagens quanto as falas das personagens correspondem a um mapa de significados compreendido por todos que identificam nos pontos citados nos objetivos específicos elementos importantes para a formação e consolidação de uma escola transformadora. Importante destacar que quando se fala em consolidação não se trata de afirmar que feitas a mudanças não será necessário que a escola que reorganize em outro momento. Isso porque compreende-se que a escola transformadora está sempre com um olhar para a sociedade identificando os pontos em que a (re) aproximação é necessária.

Compreende-se assim como consolidação de uma educação tradicional um movimento constante de mudança em que a resistência não seja comprometedora de avanços no processo de ensino e aprendizagem o que contribui para a diminuição do *gap* cultural. Apresentados estes pontos chega-se à pergunta problema que norteou este trabalho: Como a escola transformadora é representada na série 'Anne com e'? A resposta é que a escola transformadora é um lugar em que o conhecimento é uma busca constante e alegre. Por alegre não por ser fácil mas por ser um processo de construção que permite expandir os horizontes dos envolvidos. A série indica que os envolvidos, neste caso, não são apenas os alunos, mas toda a comunidade apontando que

uma escola que transforma não o faz apenas a longo prazo mas também a médio e curto prazo à medida que atinge a sociedade a sua volta. Uma escola transformadora é aquela que permite a participação dos alunos na relação ensino-aprendizagem que lá se estabelece tendo no professor uma figura importante, mas não sendo ele o único guardião da informação e do conhecimento.

Na série a escola transformadora instiga a curiosidade, a criatividade e a reflexão dos alunos impulsionando-os para a ação no sentido da mudança. Além disso, percebe-se que a diferença entre a escola tradicional e a escola transformadora não está apenas naquilo que é visível (organização das carteiras, metodologia de ensino) mas também no imaginário sobre o que se espera da escola formado pela comunidade escolar. Quanto a isso, identifica-se também que tal imaginário é diferente quando se trata dos pais ou dos alunos.

Referências

- CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2016.
- NETFLIX. **Anne with an E**. Disponível em:
<<https://www.netflix.com/br/title/80136311>>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Artigo enviado em: 02/10/2021. Aprovado em: 25/11/2021.